

# ESPECTROGRAFIA

moisés alves

**moisés alves** publicou pela Editora Circuito (RJ) *cadernos de artista, onde late um cachorro doido, escrito e dirigido por moisés alves, coisas que fiz e ninguém notou mas que mudaram tudo & mangue* (2021) pela Martelo Casa Editorial (GO). Possui poemas publicados na Cult-Antologia Poética #3, Revista Piauí, Piparote: literatura e arte e no *Jornal Rascunho*. Participou em 2018 do Festival de Poesia de Berlim como ação integrante de uma residência artística na cidade. Atua como professor de literatura dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana. Vive em Salvador, Bahia.

**e-mail:** [moalves@uefs.br](mailto:moalves@uefs.br)

### **A mãe de moisés oliveira alves**

Minha mãe tem perdido  
a memória das coisas.  
A minha mãe.

Sou órfão de uma mãe que já foi  
e ao mesmo tempo filho legítimo  
de uma mulher que estranho o rosto.  
Quando nos abraçamos  
formamos um aparato químico-amoroso  
que serve só para esse tipo de coisa.  
Nossas mãos de antigamente  
de antes da primeira imagem sobre a terra  
são velhas.

Minha mão nasceu antes de mamãe  
e vem rolando nos espaços  
como uma irradiação de poema em poema.  
A gente tenta manter o céu  
sobre nossas cabeças. Nem sempre ganhamos.  
Melhor: nem sempre se ganha uma perda.

Diante da mesa ficamos sem assunto.  
Tudo quente e não temos conversa.  
É alarmante.  
A cidade ferve.

Objetos em movimento lento  
e com uma estrutura estável  
são arrastados pelo vento.  
Mãe é onde estamos  
Qualquer campo aberto  
Mãe.  
Viemos no grito.  
Fomos espirrados por ele.  
Toda nuvem é formada por gritos desviados,  
como uma placenta é nuvem condensada. No caminho,  
pelo menos seis famílias pediram socorro num país  
cujo orçamento soma três trilhões de reais.  
A terra é ainda um lugar de grandes possibilidades.

Convido mamãe para escrever um livro  
com tudo aquilo que foi brutalmente esquecido  
além de bulas de remédio, contas de energia, papéis de pão,  
surtos, provérbios, palavras à deriva no ouvido,  
confeitado de glacê por cima e um pouco de trigo.  
A gente esquece do livro.  
Só há tempo para habitar a vida.  
Nosso amor ao presente triunfa.

Minha mãe exercita-se  
em outras relações sintáticas.  
A alma é um bem público.  
Todo mundo tem uma na cara.  
Quero chorar por ela. Não consigo.

Por nossa alma que também se amplia,  
se retrai, alastra-se para fora de nossa casa.  
Alma perdida.

O futuro nunca chega de forma esperada  
e em geral não estamos poeticamente disponíveis.  
Batemos a porta no susto.

Ela fica tão leve sem o peso dos passados  
que um dia desses  
tenho medo  
que confunda a porta de saída  
e se desprenda da terra.  
A pipa do filho esvoaça. Mamãe aproveita.  
É uma pipa sem rabo  
desabando sobre outro endereço  
como uma benção. Que dia esse.

**uma mãe**

não sou irrecuperável  
como uma búfala velha

sou búfala na cabeça  
mas minha voz é de mãe  
crio esses bichos  
para desmontar guerras

não sou preta  
mas minha língua  
e a terra de onde  
extraí meus filhos  
e eles são muito pretos

peguei cor quando me rocei na terra

a loucura que fizeram pra mim  
veio dos jardins ocupados  
de pobreza

a pobreza é fábrica  
de barões e baronesas  
onde encontrei um dia  
alguém mãe alguém pai  
que me seguraram até o meio

foi assim  
uma cama de capim  
é pasto onde meu cansaço  
bem gordo se deita

tenho uma barriga grande  
deve haver um ritmo  
um abuso um ovo  
aqui

fico em silêncio  
como a morte  
encaro-a de perto  
ela tenta te ver  
não deixo moisés

sobretudo depois  
da festa e dos eletrochoques  
fico bem excitada  
depois das colisões  
e os sinais que recebo  
mereço fazer festa

minha mãe está desesperada  
quer ser mãe de uma árvore  
de uma nesga de mar na areia

você já foi meu filho  
agora pertence ao tempo

dei banana d'água  
para que eles herdassem  
a sabedoria da bananeira

peguei cor quando um vento me soprou

não sou de outro buraco  
vim desse apareci antes  
num relâmpago

fiquei careca

eu sou irrecuperável  
como sua avó e a mãe dela

e as balas num órgão  
e as doenças que os homens  
desencavaram nas florestas  
eu não tenho jeito



**espaço da queda**

você entra  
senta e acha sempre  
outra coisa

você fuça  
algo que não te procura

você pergunta  
à sua vó morta e à irmã  
de sua vó morta e às mães  
de minha mãe  
a adotiva e a biológica  
mortas  
minha mãe chegando

minha mãe com seu percurso solitário único

minha mãe nunca mais mãe de ninguém

minha mãe é uma folhagem  
da cabeça aos pés

minha mãe não olhou para trás

nem quis saber  
do que ia ficando  
que o vento arraste o pó

do vivido para longe  
e deu dois passos adiante

do outro lado da cena  
é sempre um lugar nenhum  
nessa posição que por ora estamos

you pergunta  
se viver é esse laço precário  
esse colapso solar  
punhado de palha da costa  
na cara

elas disseram  
viva depois morra  
basta

para eu chegar  
sacuda seu xaxará

um passo em terra ressoa nas raízes  
só como da terra onde o pai  
de minha mãe pisa

you agora é a mãe  
deve ser

de outra forma sua  
que vem

**cabeça de mãe**

enquanto  
o médico neurologista  
prescrevia antídotos contra  
as correntes elétricas  
de sua cabeça  
uma cabeça contém campos  
tônicos de batalha  
é impossível cultivar frescuras  
nas cabeças duras especialmente agora  
nesse país que esfarela  
o médico colava em seu álbum  
de imagens mais uma população  
cupim deportada  
mais uma tarja  
na coleção sem ajuntamento  
que te livra e guarda  
enquanto você está cada vez mais solta  
dos portos de todos eles  
dessas interpretações bobas  
o médico disse sobre o caráter  
irreversível desse caso  
da impossibilidade de dar dois passos  
para trás porque no recuo  
não há sequer buracos  
não há nada nem sumiços  
é irreversível

eu disse haha obrigado  
um haha nada triste  
entramos no celta de duas portas  
sem ar condicionado  
de 2011  
e este ano também no carro  
havia desaparecido  
mas havia meu pai  
que antes disso já era um de seus maridos  
você ainda reivindica isso  
como um direito inalienável  
enquanto disparávamos  
ou éramos disparados  
pelas ruas  
mandei mensagem para um rapaz  
que ando me disparando feito bala  
o rapaz tem devolvido  
a força do disparo  
aproveito para escrever  
dois beijinhos  
nunca antes escrevi para reduzir  
senão para alargar  
dois beijinhos  
alargados

**bailarinas guerrilheiras**

disseram  
que agora você está  
sem mãe  
sem alguém disposto  
a arranhar a morder  
por você

os sobreviventes costumam  
guardar suas infâncias  
na garganta até que o horror passe  
e eles sejam permitidos a voltar  
para um hábito qualquer

o horror não passará  
até ativar nacos de alegria  
camuflada na coisa viva

você pode se quiser  
reivindicar 1 passe  
1 fuzil 1 michê  
um verão em berlim  
não adiantará

está evidente  
que o espetáculo  
te convocou inteira

pra você morrer  
mais uma vez

a esse evento  
você gritará  
com esquilo na boca  
pertencço à terra  
ganhei forma  
de cabra na montanha  
estou agarrada nas pedras

**machado**

a fúria que precisa haver  
em qualquer coisa para nascer  
seja para o que for

uma violência na medida  
de seu próprio corpo e carência

há um instante  
em você  
que não resiste  
nem se rende  
a isso  
que não dou  
a ninguém  
e não me pertence

o jogo é violento  
como ainda são os jogos  
os truques o destino  
de uma criança

o caloroso e necessário exercício  
das contrações que coisas fazem  
para caber num tamanho

**bicho de corte**

era minha vó quem gritava  
não volte não entre aqui nessa jaula apanhado  
seu preto

nem com outra criança nos braços

nem ouse voltar morto  
senão eu te mato

até agora  
sou eu quem saio corro transo  
sou eu quem corro fico parado ameaço  
eu quem

mas minha vó que venceu tanto  
desobedeceu às suas próprias leis  
como de praxe

no carnaval  
de 1970 da praça castro alves  
era minha tia  
quem saía com uma minissaia  
atrás do trio dos novos baianos  
e entre os dedos uma navalha



o esperto que a agarrava  
ela cortava

porque  
no pelourinho apanhamos muito  
fomos apanhados  
perdíamos fácil a calma  
uma palavra maldita  
era devolvida às vezes com uma facada  
uma rajada de tambores  
macumba na igreja de nossa senhora do rosário

o fogo era sempre  
ele a primeira política

o fogo  
não a poesia

mesmo que ainda  
o poema seja fogo  
ainda que anteceda  
as cinzas

**oferenda**

minha mãe disse  
a partir de agora eu sigo  
você fica

a partir desse instante  
você mesmo quem fará o milagre

um milagre se inventa  
corte e costure  
veja se cabe

depois ventile-se  
sem deixar de habitar os possíveis

a partir de agora dance como resposta

como se fosse  
um dos acessos  
para um viver forte  
como se fossem falsas armadilhas

a partir de agora  
você mesmo há de chamar-se  
de minha cria  
abrindo mão dos penduricalhos  
no prato só carne carne carne

a partir desse instante  
é conveniente que essa sua forma  
também dissolva-se  
e renasça

para que eu não leve nada  
além dessa coisa  
que me arrasta

nem pense  
em abandonar a terra  
com seus molhos  
mel & catástrofes

antes que eu te esqueça  
me abandone em qualquer álbum velho  
num silêncio diante de uma árvore

a partir de agora  
faça sua ultrapassagem  
ultrapássaro